

O CAMINHO DA CORRESPONDÊNCIA

TEXTO E FOTOS **MARCELO GOMES**



Um passeio por dentro de uma das maiores empresas de logística do mundo mostra como os funcionários trabalham, dia e noite, para garantir que tanto cartas quanto encomendas expressas cheguem no prazo ao seu destino



Débora costuma
postar cartões
para o mundo todo

Os Correios chegaram ao Brasil com a família real portuguesa e, desde então, muita coisa mudou no cenário de entrega de correspondências. As dimensões continentais do país exigem um planejamento logístico sofisticado de captação, tratamento, transporte e distribuição.

Quarta-feira, 15 de abril de 2009

16h15min

Em uma tarde quente de outono, típica desta época do ano na cidade de São Leopoldo, a aluna do curso de Realização Audiovisual da Unisinos Débora Calegari Hertzog, de 17 anos, se apressa pelos corredores da universidade para levar um cartão postal à agência dos Correios que fica no prédio administrativo. Ela tem urgência, pois pretende retornar à sala de aula antes do fim do intervalo, às 16h30min.

A mesma pressa com que Débora percorre o caminho da sala de aula à agência é uma constante na vida dos cerca de 108 mil funcionários da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, com a diferença de que as distâncias percorridas e o volume de carga transportado são infinitamente maiores. O cartão que ela irá postar tem como destino a China. "Eu mando postais pelos Correios por causa de um site chamado Postcrossing, que promove a troca desse tipo de correspondência entre várias pessoas ao redor do mundo. Gente que não se conhece, mas que disponibiliza seu endereço na internet através desse serviço", diz a estudante.

O cartão irá percorrer um longo caminho e passará por muitas mãos até chegar ao destinatário, do outro lado do mundo. "Os primeiros postais que eu mandei levaram certo tempo para chegar e eu fiquei na expectativa. Aí, quando as pessoas recebem, elas respondem por e-mail, agradecendo. Trocando essas correspondências, se aprende muito sobre outras culturas", esclarece Débora.

16h20min

O tempo que um objeto postal leva para chegar depende do tipo de serviço escolhido e do local de destino. No caso do cartão de Débora, a jornada começa com a postagem no balcão da agência Unisinos, uma das 12.644 espalhadas por todo o país. Recebe o selo, que servirá como prova de que ela pagou a tarifa. Em seguida, o selo é obliterado (carimbado de forma que não possa ser usado novamente) por um atendente. O carimbo indica data de postagem e local de origem. "A maioria das cartas postadas é de empresas, mas ainda existem pessoas que gostam de enviar cartas para seus familiares e amigos", revela a atendente comercial Ana Fick. "Aqui na Unisinos há uma grande quantidade de cartas postadas para o exterior pelos estudantes, que possuem contatos para intercâmbio e muitas vezes parentes e amigos morando fora", lembra Ana. Apesar do advento da internet, a carta ainda tem um diferen-

cial físico que causa fascínio entre seus adeptos. Débora explica o que desperta seu interesse pelas cartas: "O mais legal não é por ser antigo, é por ser físico. Tu podes pegar, podes encostar numa coisa que alguém preparou para ti, elaborou para ti, em uma história que a pessoa vai contar que é só para ti, palavras que ela vai usar com a sua caligrafia, o que é muito legal. Os orientais, por exemplo, quando escrevem com nossas letras, fica bem estranho, porque parece com as letras deles, mas são as nossas, e isso é bem bacana".

17h

O funcionário responsável pela expedição da agência Unisinos, Eugênio Luz da Cunha - o Gegê, como é conhecido pelos colegas de trabalho -, olha no relógio e se desloca até o setor de atendimento para avisar que iniciará o fechamento da carga. Tudo o que for postado a partir daquele momento terá o carimbo DH, que apesar de óbvio para quem trabalha nos Correios deixa muitos usuários intrigados. DH significa "depois da hora", ou seja, seguirá somente na próximo dia útil. "Às 17h, vou ao balcão da agência e peço aos atendentes o que têm para trazer, pois esgotou-se o horário deste dia. Após, somente com DH. Faço uma triagem, fechando as correspondências nas caixetas e nas malas para, quando o motorista chegar, a carga estar pronta para seguir seu destino", explica Eugênio.

Essa expedição feita nas agências é uma pré-separação de todos os objetos postais segundo sua característica e seu destino. São utilizados unitizadores primários, ou seja, recipientes plásticos especiais para envelopes e malas de lona para caixas e pacotes, devidamente identificados por rótulos que são lidos e registrados por um sistema próprio dos Correios, o que torna possível rastreá-los em todas as fases do processo.

17h30min

Vrumm, vrumm, vrumm, uuuuuurrrrrr. Mais que depressa a clássica van amarela dos Correios estaciona na área destinada ao carregamento. Sem tempo a perder, pois é responsável pela carga de mais quatro agências, o carteiro motorizado Sebastião Antunes Domingues, o Tião, vai enchendo o baú da Kombi. Em cerca de vinte minutos, os unitizadores coletados deverão estar no Centro de Entrega de Encomendas (CEE) de Novo Hamburgo, a 14 quilômetros dali. Todos os dias, Tião enfrenta o trânsito caótico da BR-116, que nesta hora costuma estar congestionada.

18h30min

Os funcionários do CEE Novo Hamburgo têm cerca de 30 minutos para processar a carga de mais cinco vans lotadas que chegam ao mesmo tempo e deverão estar dentro do caminhão de uma das linhas tronco regionais (LTR), que sai pontualmente às 18h30min, com destino a Porto Alegre. As caixetas e malas trazidas por Tião agora são agrupadas



No Centro de Tratamento de Cartas de Porto Alegre são triadas todas as correspondências que chegam e saem do Rio Grande do Sul





Todos os dias bem cedo, os carteiros separam os objetos postais por distritos antes das entregas



em contêineres desmontáveis leves (CDLs) e contêineres aramados, que são unitizadores secundários maiores, facilitando a remoção. Toda essa operação não pode atrasar, sob pena de comprometer as encomendas e cartas de uma série de cidades nas quais o caminhão já coletou a carga.

19h

Todos os dias, quando o operador de triagem e transbordo (OTT) Célio Ruibasciki volta do intervalo do turno 2, ele encontra o Centro de Tratamento de Cartas (CTC) lotado de objetos postais esperando por ele e seus colegas. Aproximadamente 32 toneladas de carga chegam por dia. O CTC Porto Alegre, o mais automatizado dos 17 espalhados por todo o Brasil, é o centralizador de cartas. Funciona 24 horas por dia, em três turnos, com 250 funcionários que fazem a triagem de tudo que sai ou entra no Rio Grande do Sul. O gigantesco armazém é dividido com o Centro de Tratamento de Encomendas (CTE), responsável pela triagem dos pacotes, caixas e malotes.

São expedidos cerca de 2,1 milhões de objetos por dia, sendo que a capacidade operacional é de 4,2 milhões. "A operação logística dos Correios é bastante complexa. Temos alguns padrões e prazos a cumprir para que consigamos fazer com que a cadeia toda funcione a contento e tanto as correspondências quanto o Sedex cheguem no horário correto. Trata-se de uma rede integrada com uma capilaridade bastante grande", explica o gerente do CTC, Alan Faller. Em cerca de 30 minutos, os contêineres retirados dos caminhões das linhas de transportes devem estar prontos para triagem. O tempo é uma preocupação constante na rotina desses trabalhadores. Para cumprir os prazos, eles contam com a ajuda das máquinas.

21h

Depois de descarregados, cada caixeta, carta ou pacote passa por esteiras, elevadores, scanners, escorregadores, máquinas de triagem automáticas que irão conduzi-los novamente para os contêineres de destinos, prontos para serem carregados até as 21h. Os dezoito paletes aeronáuticos (uma espécie de plataforma metálica onde são empilhados os contêineres que serão transportados por avião) expedidos diariamente são carregados de caminhão até o Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre.

Quinta-feira, 16 de abril de 2009

3h

Um voo fretado leva tudo para o Terminal de Cargas de Guarulhos, em São Paulo, que é um dos centralizadores da Rede Postal Noturna (RPN). Lá são trabalhados somente unitizadores secundários, ou seja, contêineres aramados e CDLs. Deste ponto, o cartão de Débora vai para o Centro de Tratamento de Cartas Internacionais (CTCI) do Rio de Janeiro, onde em até dois dias será encaminhado aos Correios da China, que, como membro da União Postal Universal, deverá dar o

mesmo tratamento que os Correios do Brasil dispensam à correspondência.

Quando é uma entrega dentro do país, o objeto faz o caminho inverso, ou seja, vai para o CTC da região de destino e de lá segue, se for encomenda, para o CEE mais próximo da residência do destinatário; se for carta vai para o Centro de Distribuição Domiciliar (CDD), onde trabalham os personagens dos Correios mais conhecidos: os carteiros. Vestidos com suas tradicionais camisas amarelas e calças azuis, eles irão entregar as correspondências nas residências de todo o Brasil. Um carteiro como Fábio João Backes, de 23 anos, quatro deles dedicados à profissão, caminha 10 quilômetros em média por dia e entrega cerca de 700 cartas. "Me identifico muito com a minha profissão. Gosto de ser carteiro pelo contato com as pessoas nas ruas e por exercer esta atividade física constante, o que acabou me influenciando a escolher a minha futura profissão, que vai ser professor de Educação Física", conta Backes.

Dia 30 de abril de 2009

Depois de percorrer 18.333 km, atravessar o Oceano Atlântico, o Continente Africano, o Oceano Índico e parte do Continente Asiático, a correspondência finalmente chega ao destino. Segundo Débora, Linda Zhang recebeu o cartão postal na sua casa em Hong Kong, oito dias úteis após a postagem.

IMPRESSÃO DE REPÓRTER

O entra e sai dos caminhões no terminal de carga, a grande movimentação de pessoas exercendo funções diversas ao mesmo tempo e a automatização de grande parte dos processos no Centro de Tratamento de Cartas dos Correios me impressionaram muito. O galpão gigantesco, repleto de máquinas de triagem, esteiras, elevadores, estações de trabalho e caminhos marcados pelo chão, mais parece uma cidade futurística iluminada por suas inúmeras fluorescentes. Acompanhado pelo gerente de turno Giovani Salcedo de Oliveira, com seu inseparável *walkie talkie*, percorri todos os setores do complexo. Para os funcionários, aquela seria apenas mais uma noite de trabalho comum se não fosse um maluco com duas câmeras, um tripé e um gravador na mão fotografando e fazendo perguntas. Muitos olhares curiosos, uma certa timidez no início e algumas brincadeiras em pouco tempo dão lugar a uma relação de confiança com o repórter que permite o recorte do cotidiano daquele lugar.